

Cushman, Gregory T. *Guano and the opening of the Pacific World: a global ecological history* (New York: Cambridge University Press, 2014), 391p.

DOI: 10.5935/2237-2717.20160019

Bruno Araujo*
[bruno.aa85@gmail.com]

Recibido: 29 de outubro de 2016
Aprobado: 22 de dezembro de 2016

O século XIX ficou marcado como a era das revoluções sejam intelectuais, produtivas, tecnológicas e/ou das relações humanas. Reconhecidamente capitaneado pelos países ao norte do Equador, esse período engendrou os preceitos do que hoje concebemos como modernidade na formação e consolidação de potências globais ou dos ditos Estados de primeiro mundo. Gregory T. Cushman demonstra em seu instigante livro *Guano and the opening of the Pacific World: a global ecological history* que esse processo possui como ingrediente crucial um excremento de ave encontrado em locais não centrais da economia mundial até então. A costa peruana e as ilhas do Pacífico central, nesse sentido, são mais do que ermas localidades no processo de “desenvolvimento humano”, emergindo como espaços fundamentais para se compreender a transformação ocorrida nessa economia cada vez mais globalizada.

A pressão por recursos básicos como base da dialética e dos conflitos que

* Mestre em História Ambiental (Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, Brasil).

impulsionam o movimento da história humana é uma das concepções que se consolidam durante esse período. Tal qual a ideia de limite tão cara a historiografia (e a outras ciências), parece nunca ter estado tão nos centros dos debates quanto nesse espaço-tempo analisado por Cushman. Talvez se encontre aí o primeiro grande acerto desse livro: abordar a história através de um objeto “residual”, não somente por sua representação ou circulação, mas pelo seu poder transformador nas concepções e relações humanas, comparado, segundo o autor, ao papel dos combustíveis fósseis e carboníferos. O ciclo da vida se relaciona, portanto, com o desenrolar da história humana a partir da utilização de um elemento abundante ainda pouco explorado, que subleva as outrora consideradas limitações para o desenvolvimento e a consequente antropomorfização do ambiente.

A era do Guano se iniciaria com a viagem de Alexander Von Humboldt pela costa peruana no ano de 1802 e sua divulgação na Europa sobre o uso desse fertilizante por nativos. A partir de tal fato, Cushman elenca seu debate as relações de exploração desse elemento ecológico com a expansão espacial que a mesma provocou, integrando zonas outrora “desconectadas” numa economia-globo.

O próprio termo “A global ecological history” nos traz a importância da perspectiva da história ambiental no debate historiográfico. As relações ecológicas não possuem fronteiras fechadas e definitivas, sendo assim, intrínseco para sua análise, estabelecer relações entre as diversas espacialidades que interagem em seus aspectos locais e globais. A relevância dos tufões, dos fenômenos climáticos como La Niña e El Niño e das doenças sobre o desenrolar da relação humana com a extração de guano e da extração de outros nitratos são alguns dos exemplos dessa abordagem bem realizada por Cushman.

A relação entre biotas que se deslocam e os gastos energéticos/ecológicos que ocorreram

aparecem no conceito de Neo-imperialismo Ecológico, numa referência ao clássico “Imperialismo Ecológico” de Alfred Crosby. As semelhanças entre os dois se inserem na perspectiva Braudeliana de um fim do Antigo Regime Ecológico, a partir da crescente possibilidade de dinamizar cada vez mais agroecossistemas com a extração de materiais de outros ambientes aliado ao caráter colonizador que integraria esse processo. Conscientemente, ou não, essa expansão acarretou em custos humanos e não-humanos que são analisados no livro. No entanto, diferenciando-se em parte da análise de Crosby, esse Neo-Imperialismo se deflagraria na construção de novos ambientes (Neo-Europas) que se constituiriam, em sua maioria, fora dos espaços de exploração, servindo em grande parte como base desses aportes de energia. São o caso da Austrália, da Nova Zelândia e, em menor escala, da África do Sul. A inserção desses novos “centros” na economia global, também aparece diretamente entrelaçada a exploração do Guano nas ilhas do Pacífico central.

A visão de melhoramento da natureza a partir de um ideal tecnocrático de controle humano sobre a mesma, esteve presente nas bases de um projeto político que intrinca os argumentos básicos de Cushman durante sua obra. O papel das atuações dessas políticas em níveis locais demonstradas no livro, revelam como as autoridades peruanas se valeram dessa nova forma de pensamento e do grande ganho econômico decorrente da extração para angariar prestígio e estabelecer elos políticos que chegariam a níveis globais. A dita era do Guano não terminaria, portanto, com a Guerra do Pacífico, estendendo-se ainda ao longo da primeira metade do século XX. O próprio debate entre conservacionistas e desenvolvimentista, por exemplo, tão emblemático ao século passado, não pode ser pensado sem levar em consideração esse contexto do qual proveio boa parte de seu arcabouço intelectual. Cushman consegue iluminar

com felicidade essa transição, a partir dos debates neo-malthusianos nos representativos capítulos cinco e sete

A complexidade teórica e a ambiciosa análise histórica proposta pelo autor, se desenvolvem em uma narrativa fluida que atende desde o acadêmico até o público não familiarizado com os aspectos de uma escrita historiográfica. Isso inclui também as escolhas das fontes, tanto do relato de científicos e viajantes, como nos relatórios oficiais e dados quantitativos. Talvez faltasse uma quantidade maior e mais variada de mapas que situem o leitor, principalmente o ocidental, para áreas não tão comuns em nossa literatura. Isso poderia ser irrelevante se essas localidades não tivessem papel chave para se pensar a alteração da relação espaço-tempo a nível global. Facilitaria, portanto, a própria apreensão e visualização dos aspectos teóricos colocados pelo autor.

O autor encerra o livro demonstrando mais uma vez a centralidade do ecossistema aquático (não terra-cêntrico) do oceano Pacífico nesse processo. O papel dos seres vivos marinhos (peixes, algas e planctons) na cadeia alimentar dos pássaros que os metabolizavam em guano, demonstra que não podemos pensar a história ambiental a partir de um simples elemento isolado. Em *Guano and the Blue Revolution*, Cushman nos coloca frente as interações ecológicas (ainda que soe redundante, já que ecologia é interação) que tornaram possível a exploração de um elemento que já refletiria conexões globais antes mesmo de alterá-las em nosso nível humano.

Cushman consegue estabelecer uma dialética profunda onde a potencialização da vida e da morte podem estar muito mais entrelaçados do que estamos acostumados a compreender. Revela-se nesta obra, o caso do uso de um componente para o desenvolvimento de fertilizantes que produziram mais alimentos, concomitante, com a utilização de seus subprodutos químicos para o a criação e o aperfeiçoamento de explosivos futuramente utilizados na “destruição” da

vida. É nesse ponto portanto, que a obra traz uma grande contribuição para pensarmos o ciclo natural e o desenvolvimento de uma tecnologia da vida inseparável de uma tecnologia da morte.